

Entrevista

António Costa Silva É um erro trágico se o país agora destruir o *cluster* das energias renováveis

O gestor da petrolífera da Fundação Gulbenkian está pessimista em relação “ao barril de pólvora do Médio Oriente” e adverte que os mercados andam perturbados entre a instabilidade geopolítica e a recessão económica. No mercado de futuros, aposta-se na subida até 180 dólares e na descida aos 50 dólares o barril

Inês Sequeira e Lurdes Ferreira (entrevista)
Rita Chantre (fotografia)

● António Costa Silva diz estar “extremamente preocupado com os sinais que vêm relativamente ao *cluster* das energias renováveis”, um sector que construiu fábricas, dá emprego e exporta, e teme uma “desarticulação e incoerência” em relação às políticas europeias. **Que resultados espera a Partex de 2011?**

Foi um dos melhores anos de sempre, em função do preço do petróleo, que afecta significativamente a nossa *performance*. Até Outubro, o preço esteve na ordem dos 111 dólares por barril, que é superior a 2008, o ano de pico. As nossas operadoras, sobretudo as do Médio Oriente, tiveram uma *performance* acima do plano de negócios. Todas as companhias operadoras de petróleo e gás natural liquefeito em Abu Dhabi e Omã (Adco, Gasco, PDO, OLNG e Mukhaizna) tiveram um desempenho muito significativo.

Quanto é que cada um dos negócios, gás e petróleo, pesa nas contas da Partex?

As nossas companhias de Omã têm uma contribuição significativa para os negócios da Partex, à volta de 60 a 65%. Agora estamos numa política de diversificação, quer na produção, quer nos activos. O Médio Oriente é um risco e uma instabilidade crescente. Nos próximos cinco anos, queremos que a contribuição de Omã e Abu Dhabi baixe em conjunto para menos de 50%, para a produção no Cazaquistão, Angola, Argélia, Brasil começar a impor-se. Abu Dhabi vale hoje cerca de 10%. É o nosso plano de diversificação.

Em termos dos resultados da Partex, o que é gás, petróleo e renováveis e qual é a produção diária neste momento?

Não gerimos as renováveis. A nossa receita líquida em 2011 foi de 141 milhões de dólares. Ficou 17% acima do resultado de 2010. Omã representa cerca de 68% das receitas do grupo e Abu Dhabi 13,6%. O Cazaquistão já representa cerca de 17%. A produção diária é de 46 mil barris, de longe a maior do país neste indicador.

Quanto será esse aumento do peso do gás natural?

Nós gostávamos de ter mais ou menos 50% de petróleo e 50% de gás. Acreditamos que o gás vai ser o futuro do petróleo, com as descobertas grandes que se realizaram, com o gás *shale* (não-convencional) dos EUA e de muitos outros países.

Como vê neste momento a situação no Médio Oriente?

Estamos muito preocupados, quer com a situação no Norte de África, quer com o Médio Oriente. No Médio Oriente temos neste momento praticamente uma guerra civil na Síria, instabilidade no Iémen, o Bahrein que continua com grandes tumultos e instável e há uma questão crucial que é a própria Arábia Saudita – gerida por uma gerontocracia, às vezes não responde aos apelos do tempo, da modernidade.

Está mais pessimista do que há

um ano, então?

Estou relativamente pessimista. Há uma luta fortíssima entre dois velhos países rivais, a Arábia Saudita e o Irão. O desenvolvimento do programa nuclear iraniano gerou uma situação extremamente difícil. Podemos ver os reflexos disso. No mercado de futuros, houve um aumento exponencial das chamadas *call options* – os contratos para um direito de compra a preços pré-determinados com uma data futura –, para o preço do petróleo que chega a cerca de 180 dólares. Aumentaram mais de 30% num mês, de Novembro até final de Dezembro. Há por isso uma apetência do mercado para um aumento do preço do petróleo se houver um ataque nuclear, um acidente entre os dois países. Tudo se confina ao estreito de Ormuz, onde por dia passam 16 ou 17 milhões de barris de petróleo, um terço do petróleo transaccionado no mundo, transportado por mar. Vamos ter uma grande convulsão se o estreito fechar. É um cenário plausível. Estou relativamente pessimista em relação a este barril de pólvora. Esperemos que alguma coisa aconteça a favor da racionalidade. É uma área onde estão concentrados 65% das reservas mundiais de petróleo.

A OPEP parece ter dificuldades com aumentos de produção.

A questão da OPEP está inquinada pela luta entre a Arábia Saudita e o Irão. Quando se trata de aumentar a produção, só realmente três países têm capacidade para isso: Arábia Saudita, Kuwait e Emirados Árabes Unidos. Mais nenhum tem capacidade excedentária. Do ponto de vista geopolítico, se a instabilidade dos países árabes for controlada, as variáveis que passarão a dominar são a recessão, isto se a crise da zona euro se aprofundar. Se houver uma recessão económica, se houver um arrefecimento na China, os preços podem baixar. No mercado de futuros, os segundos contratos que mais aumentaram foram as *put options*, com opções de venda a 65/50 dólares – já vários *traders* estão a proteger-se contra a possibilidade de uma descida abrupta. Vivemos nestes dois extremos, entre as *call options* de 180 dólares e as *put options* de 50 dólares. Pode haver um aumento exponencial ou um colapso em função da recessão. Vê-se a perturbação que há nos mercados. **Como ficará a Partex?**

Se houver problemas no estreito de Ormuz, toda a produção de Omã, que é parte significativa das nossas receitas, não é afectada. Abu Dhabi está a desenvolver o oleoduto estratégico de Fujairah, para estar operacional em Abril/Maio. Pode eventualmente livrar a produção dos EAU de constrangimentos que possam ocorrer no Golfo. Deste ponto de vista, estamos a prepará-los para eventualidades mais sérias. **Como está o projecto de Peniche? No ano passado estava com muitas expectativas. Tem dados**



“ **A aposta nas renováveis foi séria e consistente. O cluster já exporta e diminuiu as nossas importações. Quem conhece a história sabe que nenhuma energia se impôs sem um período inicial de tarifas de apoio** ”

mais concretos?

Fizemos já as campanhas de aquisição sísmica e estamos a analisar os dados. O nosso operador, que é a Petrobras, está a desenvolver um excelente trabalho a esse nível. Em 2013, vai ser tomada a decisão sobre se se perfura ou não um poço para testar os principais prospectos identificados. À medida que o tempo vai passando, as estimativas vão mudando. Partilho da opinião de que há uma probabilidade de existirem hidrocarbonetos.

Tem falado da reserva significativa de sulfuretos que Portugal conquista com o alargamento da plataforma continental. Até que ponto é que todos os recursos interessantes para a indústria, quer petrolífera, quer energética, são viáveis?

Os recursos são muito diferentes. Quando falamos de nódulos de manganês, a sua remoção é relativamente fácil. Os sulfuretos polimetálicos já são diferentes, porque contêm cobre, zinco, e esses já exigem outro tipo de equipamentos e a indústria petrolífera pela sua experiência pode fornecer essas soluções. Estamos sempre a dizer que o país não tem recursos, mas a verdade é que o país tem recursos e tem de olhar para eles.

Até que ponto estão provados?

Numa conferência há uns anos, um especialista das Nações Unidas projectou as zonas económicas exclusivas do mundo com a (então) possível extensão e Portugal estava no centro, também a nível de sulfuretos. Em Portugal, dizemos sempre que não temos recursos, mas quando existem devem ser mapeados, é uma questão de soberania. O que eu defendo é que haja alianças, que haja pensamento estratégico para desenvolver todos estes recursos na zona económica exclusiva, e que podem envolver materiais de alta tecnologia, através de uma aliança com a Alemanha ou com os Estados Unidos. Ambos os países estão interessados porque precisam das matérias-primas.

Como é que um país que não conseguiu até agora fazer a sua cartografia de ordenamento, vai conseguir fazer um mapeamento do tamanho da nova ZEE?

Está em causa a sobrevivência do país, encontrar um modelo de desenvolvimento que se baseie no aproveitamento dos seus recursos. As pessoas partem do princípio de que o país deixou de ter recursos e isso é a justificação do conformismo e de uma apatia generalizada.

O secretário de Estado da Energia há pouco tempo referiu que os preços em Portugal, com o aumento do IVA, em termos de paridade de poder de compra, são os mais elevados da UE. Há margem neste momento para conseguir que os preços se mantenham estáveis?

A EDP, quando apresenta os preços, mostra que estão alinhados com a média europeia. Acho que é um falso problema. Ainda é prematuro julgar a política deste

Governo na área de energia. Há sinais positivos como a assinatura do acordo no Algarve e a revisão da lei da concorrência, que é parte do programa da *troika*. Porém, fico extremamente preocupado com os sinais que vêm relativamente ao *cluster* das energias renováveis. A aposta que o país fez nas energias renováveis foi séria e consistente. O *cluster* que se criou já exporta e diminuiu as nossas importações. Quem conhece a história da energia sabe que nenhuma se impôs sem um período inicial de tarifas de apoio para ganhar dimensão antes de seguir para o mercado. Para mim, é um erro trágico se o país agora destruir o *cluster* das renováveis. As renováveis baseiam-se em recursos endógenos que o país tem, e mais uma vez é parte desta luta de olhar para eles. Partilho inteiramente que o preço da electricidade tem de ser competitivo, portanto há que fasear este apoio às energias renováveis, definir a base temporal em que terminam e depois deixar o mercado falar. Mas, nesta altura, destruir o que foi feito, rasgar os contratos que foram assinados parece-me uma visão péssima. **Devia haver ou não uma alteração aos sistemas de subsídição?**

Sim, os subsídios devem ser ajustados, temos de procurar construir um *mix* energético que seja realmente competitivo. Os preços da eólica podem ser já competitivos em termos de economia de mercado, enquanto a solar não é, de certeza. Mas o que levanto também é a ausência de uma visão de médio e longo prazo, porque os preços do petróleo estão a aumentar. E os custos de produção das renováveis vão baixar. Daqui a cinco anos serão competitivos, daqui a 10 serão muito mais.

Como olha para o que tem sido o discurso do Governo em relação às energias renováveis e o que são as prioridades da UE, com a nova presidência dinamarquesa a dar prioridade à energia renovável e eficiência energética?

Vai haver uma desarticulação e incoerência em relação à política europeia e depois, no próximo choque petrolífero, que não vai tardar, vamos todos gritar que a nossa factura energética de 8,2 mil milhões de euros em 2008 foi muito baixa, comparada com a que vamos pagar. Vamos usar ainda mais fontes externas para alimentar o nosso sistema energético e vamos recuar no caminho já feito.

Muito deste consumo é transporte. Como se pode baixar a factura aqui?

Passará por uma reorganização do modelo de cidades. O automóvel individual foi uma grande conquista do séc. XX. O transporte público das cidades, ferroviário, eléctrico, vai ser a grande conquista do séc. XXI. Será insustentável viver nas cidades de outro modo no futuro. Basta que os preços disparem.

(Versão na íntegra em www.publico.pt)